

O ARCANO ONZE - A FORÇA

-

-

Título - A Força

Número - onze (11) - Letra: Caph ⴢ.

Objetivo - Domínio das forças antes sem controle.

Meios - coragem, inteligência, força interior e exterior.

Obstáculo oferecido pelo portal: Apresenta o abuso de sua força adquirida, seja intelectual, moral ou física.

Um conselho - manter seus instintos sob controle, sem afoga-los e sem se deixar dominar.

Uma recomendação - não se deixar levar por sua força pessoal física ou não.

Um apelo - Ao equilíbrio emocional, a ouvir a voz do subconsciente a correta utilização da potência que aflora no iniciado.

Esta é a quarta carta na coluna de Ísis. Aqui caminhamos para o conhecimento absoluto.

Demonstra o superação das fraquezas e domínio dos impulsos. Ao iniciado, a complexidade aumenta, pois agora reúne condições de ser um mago.

Na leitura européia, significa a supremacia da razão sobre os instintos, na qual a coragem é o trunfo. Para a leitura egípcia a caminhada atingiu um nível cuja a confiança e a segurança são seus companheiros de jornada.

Este arcano é representado no baralho "Gringonneur" mostra uma mulher sentada quebrando uma coluna ao meio, com as mãos. Nas cartas de "Tortona" a mulher aparece segurando a boca de um leão e nas cartas de "Bembo" aparece o mito de Hércules, dominando o leão de Neméia com sua clava. Nos baralhos de "Minchiate" e no "Tarocchi", estas imagens estão associadas, pois aparece uma mulher quebrando uma coluna com um leão a observando.

Novamente as cartas de Oswald Wirth e de Waite são bem similares, uma vez que ambas trazem uma mulher com as mãos segurando os maxilares de um leão. Ambos trazem em seus baralhos o chapéu em forma de oito, sugerindo a lemniscata, o mesmo usado pelo mago.

Até o momento, vimos os arcanos nos proporcionar lições valiosas. A partir deste, seguiremos um caminho que conduzirá nosso interesse do exterior para o interior, todo o conhecimento acumulado até o momento que nos ensinou a portar-nos melhor no mundo servirá para entendermos o nosso próprio mundo interno, o qual refletimos ao mundo externo.

Interessante notar que a figura central aqui é uma mulher, não uma deusa ou arquétipos superiores, mas uma mulher que se traja comumente, para a época da confecção do baralho. Aparece ela exatamente para representar *Eros*, a *anima*, princípio feminino, ligado intimamente ao nosso lado instintivo e emocional que surge nesta nova abordagem como a figura feminina e como o leão. É uma das figuras interiores ativas em cada um de nós, e por isto mesmo, bem mais próximo de nós do que deuses ou arquétipos. Chega a ser tocado pelo consciente.

Por esta proximidade conosco, apresenta-se como mediadora no contato com nossas forças primitivas. Mostra habilidade e confiança ao tratar com esta força primitiva, pois não utiliza armas, apenas as próprias mãos, num contato direto e pessoal. É a representação de quão próximo vivemos desta força e como devemos dominá-la.

Este lado do subconsciente, que embora em contato conosco nem sempre reconhecemos ou identificamos sua presença, nos permitirá não somente domar, mas a utilizar nosso lado instintivo, aflorando após este trato mais próximo da intuição do que instinto.

Neste ponto, é necessário que o iniciado já tenha identificado a figura que para os demais aparece como uma incógnita nos sonhos,

a citada anima. Ela é que pode nos conduzir pela matas fechadas e obscuras que temos no interior desconhecido de nos, mata esta com feras desconhecidas que teremos que domar para sermos seus donos.

A figura que acompanha diversos arcanos como esfinge ou animais, por vezes, representa o instinto (na carta zero, aparece um cãozinho; sete, os cavalos ou esfinges; nove, a serpente) aqui precisa deixar de nos importunar, como no arcano zero, por-se sob nossa direção, diferente do arcano sete, e estar sob nosso domínio perfeito, não apenas como um companheiro como no arcano nove.

Este lado que aos poucos foi sendo apresentados a nos, agora não pode ser reprimido, sob pena de explodir em fúria indomável, e nem tão pouco pode ficar exposto e solto como senhor de nossa consciência, pois pode se tornar o cão de guarda que até o dono teme. Citando Aniela Jaffé:

"Os instintos suprimidos e feridos são os perigos que ameaçam o homem civilizado: os impulsos não reprimidos são os perigos que ameaçam o homem primitivo. Em ambos os casos o "animal" é alienado de sua verdadeira natureza; e para ambos, a aceitação da alma animal é a condição da totalidade e de uma vida plenamente vivida. O homem primitivo precisa domesticar o animal em si mesmo e fazer dele o seu companheiro útil; o homem civilizado precisa curar o animal em si e torná-lo seu amigo."

A relação de mediadora entre o lado bestial humano e o ego, que não consegue lidar diretamente com esta força que não compreende, é representado pela mulher em diversas fábulas ou mitos que encontramos no decorrer da história: como *A Bela e a Fera*, *O Príncipe Sapo*, etc. É bem diferente quando aparece uma figura masculina como este intermediário, basta para isso analisar a lenda de Hércules, que mata o leão de Neméia, como o primeiro de seus doze trabalhos para o rei Euristeu da Grécia.

As duas primeiras histórias citadas mostram, poeticamente, como a relação deste lado nosso, anima, pode domar a fera que nos é interior, e por vezes, mostrar sua face mais bonita.

É importante notar que na mitologia, Zeus, senhor dos deuses gregos, quando se sentia impelido por suas paixões pelas mortais, vinha a terra para encantá-las como um animal (vide Leda e o Cisne ou O Rapto de Europa). É exatamente a representação arquetípica do domínio do lado animal, instintivo, apaixonado. Torna-se uma fera.

Nesta carta, a figura do instinto figura como o rei das selvas, o leão, um belo animal que tem que ser respeitado e admirado em seu reino. É bem diferente de como aparece na carta anterior, como força motriz da Roda da Fortuna, como dois personagens atados, indefesos e, em algumas representações, patéticos. Contrasta até mesmo quando figura como uma esfinge, figura mítica e irreal, no sentido de existência física visível a todos. Compreender a natureza verdadeira deste eterno companheiro do homem foi uma tarefa que fizemos desde o início de nossa jornada. Agora devemos ver como é realmente e dar seu devido valor, respeitando-o sem temê-lo. Isto é fundamental para estabelecer esta parceria. O leão é o centro do id, da nossa psique, do nosso instinto.

Não devemos alimentar esta fera em excesso, pois o tornaremos lento e fastidioso. Porém, deixar este lado nosso faminto é extremamente perigoso, pois corremos risco dele engolir nossa mediadora, ou seja, de sermos dominados por ele. Não acredito haver ninguém que não tenha sentido este domínio em algum momento da vida, quando a emoção nos subjuga e fazemos coisas que nos arrependemos minutos após, uma cólera incontrolável, uma paixão indomada, um acesso de riso ou crise de choro que nos paralisa diante de um choque ou medo. É frustrante depois vermos como fomos dominados facilmente por esta força que, naquele momento, era incontrolável. Por isto a necessidade de conhecê-la e sabermos como lidar intimamente com ela, para não nos sentirmos como um animal movido pelo instinto.

Reprimi-la, escondê-la, negá-la, é deixá-la faminta. Na primeira oportunidade ela surgirá como uma avalanche e nos envolverá de modo que seremos levado por sua energia incontrolável. Se formos dotados de uma força de vontade sublime, a fúria deste animal enjaulado pode aparecer sob forma de uma doença, pois a mente não agüentará a pressão que esta luta interna causará. Deixando-a

inteiramente sem controle, não nos diferenciaremos de um animal. Não ter o leão em nosso interior é ser um eterno fantoche, sem vontades, opiniões ou nada que nos caracterizasse individualmente.

Enquanto O Imperador volta suas atenções à civilização e seu reino externo, A Força verifica a relação íntima e pessoal, o nosso reino interno. No arcano dois, estudamos esta força em seu duplo aspecto; no arcanos cinco, nos aconselhamos com uma inteligência superior a nos para dirimir os conflitos que estavam ocorrendo interiormente; no arcanos oito aprendemos a medir e pesar a ação de cada um destes lados; aqui os conhecemos e tornamos nossos cúmplices desta jornada.

Normalmente as cartas não transparecem com clareza se a mulher está abrindo ou fechando a boca do leão. Depois do exposto, podemos afirmar que ela fará ambos movimentos, afim de tornar este companheiro da vida em um agente ativo nessa, do qual o utilizaremos nos momentos convenientes.

Já foi dito a importância da chamada luz astral, o grande agente mágico. Esta é a chave de todos os mistérios, por isso a partir deste arcano é que o iniciado poderá tornar-se um mago. O domínio deste agente, desta luz, dará ao seu dominador poderes que o vulgo supõem ser fantasia. O rigorismo do domínio das forças interiores do mago é para não permitir que de dominador passe a dominado, escravo desta poderosa força universal.

Como tudo que vemos até o momento, para podermos produzir o ternário, neste caso, a manipulação do grande agente, é necessário que dominemos duas propriedades universais: concentrar e projetar, ou simplesmente, fixar e mover. Escreve-nos Levi que no braço do andrógino Henri Khunrath lê-se: Solve e Coagula. Reunir e espalhar, atração e repulsão, estas polaridades que mantêm todos os universos são chamados os dois verbos da natureza. Mas como realizar isto?

Este é um dos motivos de tanto estudo que nos empreendemos, para desenvolvermos aquilo que o grande iniciador chamava de fé, esta capacidade superior inerente ao ser humano, que pode ser desenvolvida pela crença razoável, por exercícios constantes de autoconhecimento e diversos métodos empregados nas escolas iniciáticas, todos com o mesmo objetivo.

Para sermos capazes de utilizarmos a luz astral, é imperativo que aprendamos a isola-mo-nos do mundo; parar nosso pensamento em nosso objetivo; nossa emoção nos desejo de materializá-lo; os sentidos superiores em alerta e os inferiores entorpecidos.

Por isso é necessário o domínio de nossa fera interior, pois num momento crítico como são as operações mágicas, o descontrole deste nosso lado pode nos engolir, como o domador que é devorado pelo leão. Mesmo um domínio que não seja total pode atrapalhar nossos objetivos, pois em momentos cruciais pode gerar impulsos que desviem nossos pensamentos e emoções. Quando se objetiva tornar-se um mago, reunir-se as forças criativas, a grande consciência cósmica, é tornar-se próximos a um semideus, por isto a necessidade de nos depurarmos tanto no processo, pois tal poder na mão de nós, homens comuns, pode ser similar a colocar um carro em alta velocidade na mão de uma criança de oito anos.

Riquezas e prazeres da terra, riquezas materiais e outras emoções deste mundo, morrerão quando conhecermos os verdadeiros valores dos planos superiores. O despertar do conhecimento universal é o inicio da morte a consciência individual e egoísta.

Devemos ter o cuidado de não se perder em fantasias e devaneios imaginários que se aproximam de nós. Por isso a necessidade de conhecermos, de desenvolvermos a razão ou uma capacidade superior que nos permita reconhecer a verdade e suspeitar da crença cega.

Bem verdade que há diversas operações mágicas que podem ser executadas sem o desenvolvimento de tais virtudes, apenas pela condução de uma vontade coletiva ou pedindo a seres de maiores capacidades que as nossas para que nos ajude na execução das operações que nossos limites nos impedem de executar. Deve, contudo, estar preparado para o refluxo, para a carga de energia contrária que advirá das operações em que se envolver. É similar a empurrar uma parede, a força nos é devolvida na mesma intensidade, segundo as leis da física clássica. É assim porque segue uma lei superior que descrevemos.

Aquele que está em condições de manipular o grande agente por si só, o mago, sabe conduzir o refluxo de suas operações de modo a não incomodar nem a si nem os que o cercam. Equilibra sem destruir.

Magia é uma corrente magnética de duas mãos: a ida e a volta. As leis que a regem não diferem em nada das leis universais. É só analisar todos os fluxos energéticos que conhecemos, tantos físicos como metafísicos. Há sempre um caminho de ida e outro de volta, à necessidade de um potencial elevado em oposição a um potencial mais baixo. O maior dos segredos das operações mágica não é tanto a ação, mas sim o controle da reação.

Muitos dos fenômenos que chamamos de extraordinários, vem da junção de vontades e pensamentos que manipulam a luz astral, produzindo efeitos físicos, como aparições, movimento de objetos, batidas, etc. Mesmo os provocados por inteligências elementais, agem de similar forma, através do desejo e vontades sobre este agente. O grande agente mágico é comum a tudo que é vivo e inteligente; forma e emerge todos nós em seu meio, por isso é passivo deste controle, por ser veículo das transmissões de energia e pensamentos.

Por isso, a reunião de vontades comuns é uma operação de magia. Toda vez que pessoas se reúnem com um objetivo comum formam uma cadeia energética ou magnética. Se bem direcionada e arquitetada, é capaz de produzir grandes façanhas. Podemos chamar isto de uma cadeia mágica. Aquele que é capaz de levar multidões a se inflamarem por um ideal está realizando magia. A vida quase todas somos guiados por palavras que acreditamos.

Quando utilizamos um sinal, um talismã, mexemos com a crença neste, seja de criaturas vivas ou das que já nos traspassaram ou mesmos elementais. Esta cresça, está projeção da energia destes ao verem aqueles símbolos é capaz de projetar energia suficiente para a realização de processos mágicos.

O contato também é uma forma de produzir magia. Uma pessoa de, digamos, grande magnetismo pessoal, é capaz de envolver aqueles que tem pouca vontade, pouco magnetismo, e arrasta-la em suas obras, como uma pomba que voa e as demais que a seguem por acharem que a primeira teve um bom motivo para voar. O carisma, o aperto de mão demonstram a influência que exercemos sobre os que nos cercam mais proximamente. Algumas pessoas são capazes de hipnotizar apenas com um toque, olhar, proximidade ou combinação de todos estes, possuem um magnetismo pessoal quase irresistível aos mais fracos.

É comum escutarmos dos amigos que desejaram durante tanto tempo que determinado evento ocorresse e este veio a se concretizar. Até mesmo o oposto, temiam tanto algo que isto aconteceu. Quando fixamos nosso pensamento em um objetivo, querido ou não, criamos um vórtice que manipula a luz astral para que o foco de nossos pensamento se materialize. Por isso, novamente, é feita a advertência do controle emocional e dos nossos impulsos.

Paulo Coelho diz em um dos seus livros: "Quando se deseja algo, o universo conspira para que você consiga". Cuidado com seus pensamentos, pois eles podem tornar-se realidade.

Nas leituras

Inteligência, sucesso, magnetismo, força sexual, poder de vencer, novidades sentimentais, maturidade, domínio do Eu, harmonia, valentia, solução de contratempos, visão e compreensão do mundo, persuasão, trabalho, vitalidade, confiança, valor moral, carisma, personalidade forte.

INVERTIDA: Tirania, ira, impaciência, presunção, fragilidade, insensibilidade, repressão de si.



